

Horácio

Ode 4, 2

Tradução literal, análise e interpretação de Érico Nogueira

Píndarum quisquis studet aemulari, Iulle, ceratis ope Daedalea nititur pinnis, uítreo daturus nomina ponto. monte decurrens uelut amnis, imbres 5 quem super notas aluere ripas, feruet inmensusque ruít profundo Píndarus ore, laurea donandus Apollinari, seu per audacis noua dithyrambos 10 uerba deuoluit numerisque fertur lege solutis, seu deos regesque canit, deorum sanguinem, per quos cecidere iusta morte Centauri, cecidit tremendae 15 flamma Chimaerae, síue quos Elea domum reducit palma caelestis pugilemue equomue dicit et centum potiore signis munere donat, 20 flebili sponsae iuuenemue raptum plorat et uiris animumque moresque aureos educit in astra nigroque inuidet Orco. multa Dircaeum leuat aura cycnum, 25 tendit, Antoni, quotiens in altos nubium tractus: ego apis Matinae more modoque, grata carpentis thyma per laborem plurimum circa nemus uuidique 30 Tiburis ripas operosa paruus carmina fingo. concines maiore poeta plectro Caesarem, quandoque trahet ferocis per sacrum cliuum merita decorus 35 fronde Sygambros,	Quem quer que se afane em emular Píndaro, ó Julo, se alça em asas de cera – obra de Dédalo! – para dar nome a um ítreo mar.  Qual rio que do monte corre, a que as chuvas nutriram para além das conhecidas margens, ferve e, imenso, se precipita Píndaro, o de voz profunda: digno de receber o laurel de Apolo, quer em audazes ditirambos arroje novas palavras e seja levado em ritmos libertos de leis; quer cante deuses e reis – dos deuses sangue – por que tombaram os Centauros por morte justa e caiu a flama da hórrida Quimera;  quer cante o pugilista e o cavalo que a palma Eléia conduz, divinos, de volta a casa dando um presente mais valioso que cem estátuas; quer chore o jovem arrancado à esposa flébil e as forças, o ânimo e os costumes áureos leve aos astros e cause inveja ao negro Orco.  Um grande sopro eleva o cisne de Tebas, ó Antônio, sempre que chega às altas regiões das nuvens: eu, pequeno, segundo o modo e a maneira da abelha de Matino que colhe a muito custo pelos bosques e margens do orvalhado Tíbur o tomilho grato, canções eu forjo trabalhadas.  Cantarás César, ó poeta de maior plectro, quando, ornado com a merecida coroa, ele
--	---

<p>quo nihil maius meliusue terris fata donauere bonique diui nec dabunt, quamuis redeant in aurum tempora priscum, 40 concines laetosque dies et urbis publicum ludum super impetrato fortis Augusti reditu forumque litibus orbum.</p>	<p>trouzer os ferozes Sigambros pelo monte sacro, ele, de quem nada maior ou melhor os fados e os bons deuses concederam à terra nem concederão, conquanto os tempos tornem ao prístino ouro.</p>
<p>tum meae, si quid loquar audiendum, 45 uocis accedet bona pars, et: 'o sol pulcher, o laudande' canam recepto Caesare felix.</p>	<p>Cantarás e os ledos dias e da Urbe o jogo público pelo ansiado retorno do forte Augusto e o fórum livre de litígios.</p>
<p>teque, dum procedis, ió Triumphe! non semel dicemus, ió Triumphe! 50 ciuitas omnis, dabimusque diuis tura benignis.</p>	<p>Então da minha voz, se algo falar digno de ouvir, grande parte acederá e “ave, ó belo sol” cantarei feliz pela volta de César.</p>
<p>te decem tauri totidemque uaccae, me tener soluet uitululus, relictas matre qui largis iuuenescit herbis 55 in mea uota, fronte curuatos imitatus ignis tertius lunae referentis ortum, qua notam duxit, niueus uideri, cetera fuluos. 60</p>	<p>E a ti, enquanto desfilas, “ió Triunfo”, não uma só vez toda a cidade diremos, “ió Triunfo”, e incenso queimaremos aos benignos deuses.</p> <p>A ti dez touros e dez vacas remirão os votos, a mim tenro bezerro que, deixada a mãe, crescerá em largo pasto para remir os meus: ele que na frente imita os cornos ígneos da lua em seu terceiro ciclo: lua, que, marcada, ele trouxe, branco ali de ver, fulvo, no restante.</p>

Esta ode, claramente programática, parece dividir-se em quatro partes: a primeira, em que desde logo se enuncia o tema e se interpela o destinatário, na qual acharemos um retrato da lírica e, nela, do elogio (vv. 1-24); a segunda, contendo o posicionamento do autor, ou antes de uma sua persona, a respeito do retrato antecedente (vv. 25-32); a terceira, nova interpelação do destinatário do poema (vv. 33-44); e por fim a última, comparação entre este destinatário e a persona do poeta (vv. 45-60).

A matéria do poema nos é dada desde a primeira palavra: *Pindarum*. Diz Horácio a Júlio, o destinatário, que tentar igualar-se ao grego é comportar-se como o também grego Ícaro – é ir além do que se pode e deve e pagá-lo com a vida. Sabemos que Ícaro era filho de Dédalo, o lendário artesão que, presos

ambos no Labirinto, engenhou um modo insólito de lá saírem: pelo ar. Sabemos também que as asas que fabricou estimularam, quem sabe, a ousadia do filho: que subiu demais, perto do sol, teve-as derretidas, caiu e morreu e no mar, que por isso ganhou o seu nome. Essa lenda nos fala, portanto, dos limites da arte no trato com a natureza. Se assim é, e se Píndaro é precisamente o que se deseja aqui imitar, ele se coloca do lado da natureza, isto é, segundo a já aludida doutrina aristotélica da mímese, daquilo que se imita; todo aquele que, imitando-o, o queira igualar, é colocado, pois, do lado da arte, daquilo que imita. Podemos, então, supor que também nesta ode se faz referência à querela entre natureza e arte – e, segundo Horácio parece dizer a Julo, nenhuma arte parece ser o bastante para, sem engenho natural que o permita, imitar um Píndaro que se comporta como rio revolto.

Precisamente, pois, nesta imagem do fluxo d'água – assim como, por exemplo, na epístola 40 de Sêneca e alhures – aparece um bem conhecido símile da facúndia, da abundância oratória:

<p>Habeat uires magnas, moderatas tamen; perennis sit unda, non torrens. Vix orator permiserim talem dicendi uelocitatem inreuocabilem ac sine lege uadentem [...]<sup>1</sup>.</p>	<p>Tenha [quem discursa] um grande vigor, porém contido; seja o fluxo constante, não torrencial. Dificilmente eu permitiria ao orador tamanho velocidade do discurso, irrefreável e progredindo sem lei [...].</p>
---	--

No caso da eloquência de Píndaro, porém, contrariamente à que Sêneca parece apregoar como a conveniente no gênero do discurso filosófico, o andamento assemelha-se ao de um rio que desce da montanha, *numerisque fertur lege solutis*. Note-se, então, que a mesma torrente nos descobre, agora, seus afluentes, isto é, de que águas é constituída: a eloquência de Píndaro, diz-nos Horácio, divide-se em ditirambos (*per audacis noua dithyrambos / uerba deuoluit numerisque fertur / lege solutis*), hinos e encômios (*deos regesque canit*), epinícios (*quos Elea domum reducit palma*), e trenos (*iuuenemue raptum plorat*). Comparemos então este catálogo com o que o mesmo Horácio nos fornece na *Arte poética*, já estudado acima:

---

<sup>1</sup> Lucio Anneo Seneca, *Lettere a Lucilio*, 2 v., Milano, Biblioteca Universale Rizzoli, 1985, v. 1, p. 260.

Musa dedit fidibus diuos puerosque deorum  
et pugilem uictorem et equum certamine primum  
et iuuenum curas et libera uina referre.

A Musa deu à lira cantar deuses e filhos de deuses,  
o vitorioso pugilista e o primeiro cavalo na corrida,  
e as curas dos jovens e o vinho que lhas livra.

Ora, o que temos aqui? Sobretudo que as espécies líricas ditas pindáricas não coincidem de todo com as da *Arte poética*. Não poderíamos, contudo, incluir os ditirambos em *libera uina*, os trenos<sup>2</sup> em *iuuenum curas*, já que os dois primeiros tratam do vinho e do seu deus, os dois últimos das desventuras de amor? Parece plausível, sobretudo porque o vocabulário de que Horácio se serve na *Arte poética* está longe de ser excludente – é antes próprio do *sermo* uma prevista oscilação vocabular, que reproduz (ou remodela) a da fala<sup>3</sup>. Não obstante, nosso poema nos dá indicação de que as coisas não são tão simples assim, pois, considerada a sentença *moresque/ aureos educit in astra nigroque/ inuidet Orco* (vv. 22-24), vê-se logo que o treno, tal como praticado por Píndaro, se põe claramente sob o signo da celebração, isto é, do elogio. Explicita-o Porfirião, ao comentar estes versos:

Aut sí, ínquit, flebile carmen scribit de  
aduléscente alíquo, cuius morte sponsa  
decepta sí; quem ínferis subducit atque  
ímortalem facit laudando animum  
moresque eíus atque uirtutem<sup>4</sup>.

Ou [é digno do laurel de Apolo] se, diz [Horácio de Píndaro], compõe um poema flébil sobre algum jovem por cuja morte a esposa foi lograda – o qual subtrai aos infernos e torna imortal por louvar-lhe a coragem e os costumes e a virtude.

E também Pseudo-Acrão, sobre a mesma passagem:

Etíam ín epítaphíis Píndarum sígnicat  
magnum, cum aut iuuenem fortem aut

Também nos epitáfios [Horácio] mostra que Píndaro foi grande, quando este escreve ter

---

<sup>2</sup> Cf., a respeito dos trenos e sua possível inclusão em *iuuenum curas*, Harvey, A. E., “The Classification of Greek Lyric Poetry”, em: *Classical Quarterly*, 5, Oxford, Clarendon Press, 1955, p. 168: “Exiguous as these fragments are, they present a notably consistent appearance: their content is entirely gnomic and consolatory. Here is no wild tearing of the hair or floodgate of unrestraint emotion; the mood is one of resignation and of philosophic admonition, resembling the calm detachment of the figures on fourth-century tombstones”. Com efeito, os termos em que Harvey se refere aos trenos parecem como um exato resumo da ode 2, 33, *Albi, ne doleas*, em que Horácio precisamente tenta consolar, aconselhando-o que refreie o seu sofrimento, as curas do, no caso, já não tão jovem Álbio Tibulo. Que o treno seja uma espécie lírica, vê-se pela passagem de Fócio citada acima, p. 11. Para a designação do treno como *elegia*, cf. Photius, *Op. cit.*, 319b 8-9, p. 158: τὸ γὰρ θρήνος ἔλεγον ἐκάλουσιν οἱ παλαιοὶ [...], “Os antigos chamavam o treno de elegia [...]”.

<sup>3</sup> Note-se, por exemplo, a variação vocabular de Platão nos *Diálogos*, comparada a certa rigidez de Aristóteles a este mesmo respeito.

<sup>4</sup> *Op. cit.*, p. 140.

puellam moratam fuisse describit et alicuius adolescentis morte facit sponsam deceptam, quem inferis subducit et dat immortalitati laudando<sup>5</sup>.  
 havido ou um jovem corajoso ou a moça que o esperava [voltar da guerra], e faz a esposa lograda pela morte do seu jovem [esposo] – o qual subtrai aos infernos e concede imortalidade mediante o louvor.

Portanto, a principal diferença entre as espécies líricas que achamos na *Arte poética* e as que se acham nesta ode é que, enquanto neste caso são todas elas formas de elogio, naquele não o são – pelo menos não necessariamente. Assim, Horácio desde logo parece colocar a lírica laudatória em situação de precedência, neste quarto livro, sobre as outras espécies líricas<sup>6</sup>. Quanto a essa precedência, que, como dissemos, não se restringe ao dito livro, cite-se o conhecido julgamento de Quintiliano, já referido em nota:

Nouem uero lyricorum longe Pindarus princeps spiritus magnificentia, sententiis, figuris, beatissima rerum uerborumque copia et uelut quodam eloquentiae flumine: propter quae Horatius eum merito credidit nemini imitabilem<sup>7</sup>.  
 Dos nove líricos Píndaro é de longe o primeiro pela magnificência da inspiração, pelas sentenças, figuras, por preciosíssima cópia de matérias e de palavras e como que por uma certa torrente da eloquência: pelo que Horácio merecidamente o teve por inimitável por quem quer que fosse.

Ou seja: apoiando-se, segundo vemos pela referência explícita, exatamente na mesma ode analisada aqui, Quintiliano estabelece a primazia de Píndaro sobre os outros líricos do cânon. Isto significa que as espécies em que Píndaro foi excelente são alçadas, junto com ele, à mesma altura aparentemente inalcançável, vale dizer, que as formas pindáricas do elogio são tão superiores às demais formas líricas quanto ele aos demais congêneres; por ordem decrescente de elevação, que ditirambos e peãs (hinos), encômios, epínícios e trenos são o que há de mais sublime no gênero em questão. Por outro lado, convém notar que a própria noção de cânon e a confecção de catálogos de autores são construídos de

<sup>5</sup> *Op. cit.*, pp. 330-331.

<sup>6</sup> O argumento, repitamo-lo, é de estirpe aristotélica: se à dignidade da matéria tratada deve corresponder, segundo as leis do *decorum*, uma dignidade de elocução, então necessariamente uma ode sobre personagens ilustres será poeticamente superior à que trate, por exemplo, do amor de dois jovens. Cf. Lausberg, H., *Handbuch der Literarischen Rhetorik*, Stuttgart, Franz Steiner, 1990, pp. 519-526 (*Elocutionis genera*).

<sup>7</sup> *Op. cit.*, X, 1, 61-62, p. 245.

cepa alexandrina, para os quais contribuiu enormemente, mais talvez que a de nenhum outro, a atividade do poeta e filólogo Calímaco<sup>8</sup>. Sendo assim, já a elaboração horaciana de um catálogo pindárico seria, ela própria, a aplicação de princípios alexandrinos – antes calimaquianos – a matérias e espécies líricas tradicionais.

Chegamos agora ao centro do poema, em que o autor explicita o posicionamento da sua persona em relação à recém-estabelecida hierarquia. Enquanto Píndaro, o poeta que, posto do lado da natureza e em certa oposição à arte, é caracterizado como um cisne, Horácio, por sua vez, se apresenta como abelha. Ora, a primeira coisa que logo salta à vista parece ser a diferença entre as dimensões desses animais; a segunda, a diferença de comportamento: se o cisne é levado às alturas pelos ventos, a abelha, *per laborem plurimum*, compõe pequenas e trabalhadas canções. Como é patente, mais uma vez se trata aqui da relação entre natureza e arte. Píndaro é todo natureza: são os ventos, e não esforço definido e decisão da vontade, que o levam às alturas. Horácio parece ser só arte: com muito trabalho burila suas miniaturas. A ser assim, Horácio parece recusar de todo o exercício do elogio, pelo menos tal qual Píndaro o praticou. Haveria, porém, outro meio de praticá-lo? É precisamente este, segundo cremos, o esforço e, antecipando, o sucesso de Horácio neste poema e neste livro. De resto, a imagem da abelha, metáfora de si e de sua empresa, encerra justamente a resposta de Horácio à pergunta por tal possibilidade.

Com efeito, já o próprio Píndaro, na décima Pítica (vv. 53-54), havia comparado a canção mais fina com a abelha em vôo:

ἐγκωμίων γὰρ ἄωτος ὕμνων

Os mais belos hinos de vitória

ἐπὶ ἄλλοις ἄλλον ὅτε μέλισσα θύνει  
λόγον<sup>9</sup>.

se lançam como a abelha de um argumento a outro.

E também Calímaco, no fim do *Hino a Apolo*, nos conta a delicada atividade de abelhas sacerdotisas:

Δηοῖ δ' οὐκ ἀπὸ παντὸς ὕδωρ φορέουσαι μέλισσαι,  
ἀλλ' ἥτις καθαρὴ τε καὶ ἀχράαντος ἀνέρπει  
πίδακος ἐξ ἱερῆς ὀλίγη λιβάς, ἄκρον ἄωτον<sup>10</sup>.

A Deo as abelhas não trazem água de qualquer lugar, / mas aquela que jorra pura e intacta / de sagrada fonte: um raro fio, finura extrema.

<sup>8</sup> Cf., para o papel de Calímaco na construção do cânon que vai ser o horaciano, Pfeiffer, R., *Op. cit.*, pp. 207-247.

<sup>9</sup> Cf., Pindar, *Oden*, Stuttgart, Reclam Jun., 2001, p. 166.

<sup>10</sup> Cf. *Callimaque*, éd. et trad. Émile Cahen, Paris, Belles Lettres, 1948, vv. 110 ss., p. 231.

Seguindo, pois, os passos de ambos os predecessores, Horácio parece realizar nada menos que um elogio pindárico à maneira de Calímaco. Isso, porém, não é tudo. Como já nos sugere a presença das *uividi Tiburis ripas*, isto é, de uma localidade romana, é antes de Roma, não da Grécia, o alvo deste insólito elogio. Seria ele o próprio Júlio? Dificilmente. Conforme nos diz a canção que Horácio descreve, aí sim, como própria de Júlio, é César Augusto a triunfar vitorioso, vencidos os inimigos e instituída a paz, que Horácio e toda a cidade cantam.

Finalmente, falta comparar a oferenda final de Júlio com a de Horácio. Enquanto aquela é de dez touros e dez vacas, esta é de um único bezerro. Interessante notar, contudo, que, enquanto àquela se dedica uma só linha, a esta se dedicam sete, ou seja, quase as duas últimas estrofes do poema. Só este dado, digamos, quantitativo, já nos bastaria para inverter – ou antes para ponderar – o aparente pendor da persona horaciana pela oferenda de Júlio, em detrimento da sua própria. Exatamente o mesmo ocorre com o anterior elogio – tanto pindárico quanto calimaquiano – da figura da abelha como exemplo do que há de mais fino em matéria de canto: a despeito de sua pequenez, ela ocupa cinco versos e meio do poema, contra apenas dois e meio do elogio do cisne. De posse, pois, de uma arte tão refinada como esta – que não por sê-lo deixa de fazer jus àquilo que imita –, Horácio, chegado à maturidade e ao cume de sua empresa lírica, pretende elogiar e, elogiando, elogiar-se.